

XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017

GT-7 – Produção e Comunicação da Informação em Ciência, Tecnologia & Inovação

FEMINISMOS E ESTUDOS DE GÊNERO: UMA ABORDAGEM BIBLIOMÉTRICA

Gislaine Imaculada de Matos (UNESP Marília/IFMS Três Lagoas)

Ely Francina Tannuri de Oliveira (UNESP Marília)

FEMINISMS AND GENDER STUDIES: A BIBLIOMETRIC APPROACH

Modalidade da Apresentação: Pôster

Resumo: Os estudos de gênero e feministas vêm sendo estudado como campo científico desde o início da terceira onda nos anos 1990. Esta pesquisa tem como objetivo analisar a produção científica da Revista Estudos Feministas e mapear as temáticas mais frequentes dos autores mais produtivos no periódico. A pesquisa tem caráter quantitativo, na medida em que analisa e contextualiza os dados pela ótica da epistemologia feminista. Como procedimento de pesquisa verificaram-se os autores mais produtivos e as temáticas que mais foram contempladas em suas pesquisas, procedendo-se a organização e análise dos dados, subsidiadas pela representação da rede de relações *two mode*, por meio do software UCINET. Foi possível verificar uma maior quantidade de publicações relacionadas a questões teóricas, como os papéis sexuais e estereótipos de gênero, e à história do movimento feminista. Em contrapartida, questões mais emergentes, como aborto e gênero na escola, foram observadas com menor intensidade. Espera-se que essa análise sirva como instrumento de avaliação para a própria comunidade científica em questão, além de estimular outras pesquisas com diferentes abordagens envolvendo questões de gênero e relacionadas ao feminismo, visto que essas temáticas envolvem tanto relações de poder, quanto a possível ruptura da tradição do modelo binário de gênero nas esferas da ciência, da política, das instituições e na sociedade de forma geral.

Palavras-Chave: Feminismo; Estudos de Gênero; Produção científica.

Abstract: Gender and feminist studies has been researched as a scientific field since the beginning of the third wave in the 1990s. This research aims to analyze the scientific production of the Journal of Feminist Studies and to map the most frequent themes of the most productive authors in the journal. The research has the quantitative and qualitative character, insofar as it analyzes and contextualizes the data. As a research procedure, were verified the most productive authors and the themes that were most contemplated in their research, proceeding the organization and analysis of the data, which were subsidized by the representation of the network of relations two mode, through the UCINET software. It was possible to verify more publications related to theoretical issues such as gender roles and stereotypes, to the history of the feminist movement. The most emerging issues such as abortion and gender in school were observed with less intensity. It is expected that this analysis will serve as an evaluation tool for the scientific community in question, besides stimulating other researches with different approaches involving the theme Gender Studies and

Feminists, whereas these analyzes and themes involve both relations of power and the possible rupture of the tradition of the binary gender model in the spheres of science, politics, institutions and general society.

Keywords: Feminism; Gender Studies; Scientific production.

1 INTRODUÇÃO

Objetiva-se analisar a produção científica acerca do tema “Feminismo e Estudos de Gênero”, por meio da aplicação de alguns indicadores bibliométricos, aos artigos publicados entre 2001 e 2016 no periódico “Revista Estudos Feministas” (REF), da UFSC, de modo a dar visibilidade dos pesquisadores mais produtivos no tema em questão, a partir desta revista. Especificamente, pretende-se identificar e analisar as tendências na comunidade científica dos temas abordados pelo periódico estudado, criando um mapeamento de sua produção científica, a partir dos indicadores relativos aos autores mais produtivos e suas temáticas.

Justifica-se esta pesquisa, na área em questão, pelo interesse acadêmico adicionado à curiosidade em descobrir como a temática "Feminismo e Estudos de Gênero" vem sendo estudada e pesquisada no Brasil, visto a escassa existência de pesquisas desta natureza.

A Revista Estudos Feministas é relevante à comunidade científica da área específica em feminismo e estudos de gênero, conforme é possível observar pelo conceito Qualis em que o periódico obteve na última avaliação: conceito A1 na área de História, Letras e Linguística, Interdisciplinar, Antropologia/Arqueologia e Filosofia, além de ter sido o primeiro periódico a tratar especificamente do tema no Brasil. Desta forma, essa análise deve servir como instrumento de avaliação para a comunidade científica em questão, além de acrescentar debates na Ciência da Informação (CI), visto que a temática de Gênero é pouco estudada na área, conforme apresentam Bufrem e Nascimento (2012). Ainda utilizou-se o procedimento bibliométrico pertencente à subárea “estudos bibliométricos” nascente da CI.

2 FEMINISMO E ESTUDOS DE GÊNERO

A partir do século XX, especialmente entre os anos 1930 e 1970, surgem movimentos organizados por mulheres, incluindo os movimentos feministas, a partir da formação de grupos de acadêmicas, que começaram a problematizar a produção do conhecimento a partir de um viés crítico, gerando os “estudos feministas” ou os “estudos de mulheres”.

No Brasil, o movimento feminista teve início no fim do século XIX, com a “primeira onda”. Assim como em outros países, as reivindicações tinham como objetivo principal o

direito ao voto (sufrágio feminino) e à vida pública (como o direito ao trabalho sem a permissão do marido). Segundo Costa (2005), com a conquista ao voto, a partir de 1980, o eleitorado feminino passou a ser um público, ao qual os partidos políticos queriam atingir.

O avanço do movimento fez do eleitorado feminino um alvo de interesse partidário e de seus candidatos, que começaram a incorporar as demandas das mulheres aos seus programas e plataformas eleitorais, a criar Departamentos Femininos dentro das suas estruturas partidárias. (COSTA, 2005)

A chamada “segunda onda” teve início nos anos 1970, quando os movimentos reivindicatórios em todos os setores e em âmbito mundial criaram ambientação favorável ao movimento feminista. As mulheres brasileiras lutaram contra a ditadura militar, sendo que em 1975 formou-se o Movimento Feminista pela Anistia. Além disso, as feministas buscavam nessa época o direito ao prazer e a se vestirem como queriam sem julgamentos.

Sobre a terceira onda feminista, que se iniciou na década de 1990 e conserva-se até os dias atuais, observa-se uma intensa intersecção entre o movimento político de luta das mulheres e a academia, quando começam a ser criados – inclusive em universidades brasileiras – centros de estudos sobre a mulher, estudos de gênero e feminismos. O aprofundamento teórico serviu para orientar a discussão das lacunas deixadas pelas ondas anteriores, como uma ênfase nos recortes de raça e classe. Narvaz e Koller (2006) apontam que “o desafio nesta fase do feminismo é pensar, simultaneamente, a igualdade e a diferença na constituição das subjetividades masculina e feminina”.

No Brasil, algumas conquistas do movimento feminista estão presentes na Constituição Federal de 1988, no artigo 5º, em seu inciso I “homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações, nos termos desta Constituição”. No artigo 7º, inciso XVII é assegurada “licença à gestante, sem prejuízo do emprego e do salário, com a duração de cento e vinte dias”. Também são conquistas recentes a Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006, mais conhecida como “Lei Maria da Penha”, que pune a violência contra a mulher e a Lei nº 13.104, de 9 de março de 2015, que altera o artigo 121 do Código Penal, prevendo o feminicídio¹.

Fox e Olson (2012) destacam que os movimentos feministas possuem perspectivas distintas dentro do próprio feminismo, como por exemplo, os recortes de raça e classe, e aconselham usar o plural “movimentos feministas” ou “epistemologias feministas”, de forma

¹ Crime de ódio baseado no gênero, culminando no assassinato de mulheres.

que toda a variedade de abordagens seja reconhecida. Negrão (2002) seguindo essa linha agrega que “não há, na atualidade, um só feminismo, unívoco e totalizante, mas vários feminismos”. Justifica-se assim, o uso da expressão “feminismos” no título desta pesquisa. Desta forma, citam-se aqui algumas vertentes feministas: feminismo radical, feminismo negro, transfeminismo, feminismo lésbico, feminismo interseccional (pós-moderno), anarcafeminismo, feminismo marxista, feminismo liberal e, feminismo *queer*.

A partir dos estudos feministas surgiram os estudos de gênero, com bastante influência de pesquisadores estadunidenses, como Judith Butler e Joan Scott, que desenvolveram um conjunto de conceitos relativos aos estudos feministas e de gênero. No Brasil, tanto o movimento quanto os estudos feministas e de gênero se intensificaram na década de 1970, estando sempre articulados com outros movimentos sociais e populares da época, que iam desde a luta por moradia e melhores condições de vida das mulheres, até a luta pela criação de creches nas fábricas e universidades. Além dos movimentos políticos, incluindo anistia aos presos políticos, a luta contra o racismo, pelos direitos à terra dos grupos indígenas do país, do movimento dos homossexuais e minorias.

Sobre a diferença entre Estudos de Gênero e Estudos Feministas, Narvaz e Koller (2006, grifo das autoras) apresenta que o foco dos Estudos Feministas “se dá principalmente em relação ao estudo *das e pelas* mulheres, mantidas as estreitas relações entre teoria e política-militância feminista” e nos Estudos de gênero “cujos pressupostos abarcam a compreensão do gênero enquanto categoria sempre relacional”.

Ainda sobre gênero, Bufrem e Nascimento (2012) expõem que “[...] embora ainda utilizado como sinônimo de sexo, nas ciências sociais, o termo gênero expressa as diferenças construídas socialmente, independentemente de qualquer base biológica”.

3 A REVISTA ESTUDOS FEMINISTAS

A Revista Estudos Feministas (REF) é um periódico indexado em bases de dados como *SciELO*, *Scopus* e *Web of Science*, interdisciplinar, de circulação nacional e internacional, que tem como objetivo publicar artigos, ensaios e resenhas que apresentem reflexões teóricas consistentes e inovadoras, com bibliografia atualizada, ampliando as fronteiras dos debates acadêmicos no campo dos estudos feministas e de gênero e instrumentando as práticas dos movimentos de mulheres. O exemplar número zero da Revista Estudos Feministas foi

publicado em 1992. Desde então, a REF tornou-se uma referência obrigatória para aqueles que trabalham no campo dos estudos de gênero.

Destaca-se a relevância do periódico em relação à comunidade científica da área específica em Feminismo e Estudos de Gênero, conforme é possível observar pelos conceitos A1 e A2 que o periódico obteve na última avaliação CAPES (2014), nas áreas de História, Educação, Antropologia/Arqueologia, Letras/Linguística, Psicologia e Sociologia, garantindo-lhe assim um destaque dentro de seis grandes áreas das Ciências Sociais e Humanas.

Considere-se, ainda, que o periódico surge juntamente com a terceira onda feminista nos anos 1990 quando já emergiam estudos de gênero, especialmente nas Ciências Sociais.

4 METODOLOGIA

Esta pesquisa busca contextualizar a produção dos artigos da Revista Estudos Feministas, por meio de tratamentos bibliométricos. É de natureza qualitativa, quantitativa e exploratória, pois busca analisar, contextualizar e relacionar os dados.

A massa documental analisada da Revista Estudos Feministas, entre os anos de 2001 a 2016, foi consultada online base de dados *Scielo* totalizando um *corpus* de 298 artigos.

Considerou-se todos os artigos publicados no periódico, com exceção dos que compunham as sessões “dossiês”, por se tratar de artigos direcionados à um tema específico, o que poderia influenciar diretamente no resultado desta pesquisa. Desta forma, o número especial de 2004 da REF não foi contabilizado, por esse motivo.

Como mecanismo de padronização dos termos constantes nos artigos identificados, utilizamos o Tesouro para Estudo de Gênero e sobre Mulheres (Fundação Carlos Chagas, editado em 1998), que é disponibilizado online.

Este tesouro, único e pioneiro no Brasil neste tema, é composto por duas listagens. Na primeira, os termos aparecem todos em ordem alfabética, relacionando-os com grandes áreas que são apresentados na segunda listagem. Nessa segunda listagem, as nove áreas apresentam aspectos particulares do campo de estudo de gênero dentro dos quais se agrupam diversos termos específicos.

São as nove áreas (ou também classes de assuntos, categorias): 1. Ciência e Tecnologia; 2. Ciências Naturais e Saúde; 3. Ciências Sociais e Cultura; 4. Comunicação, Artes e Espetáculos; 5. Economia e Emprego; 6. Educação; 7. História e Mudança Social; 8. Lei, Governo e Políticas Públicas e 9. Linguagem, Literatura, Religião e Filosofia.

Para localizar qual o tema referente a cada artigo, foi necessário consultar o título e palavras-chaves de cada artigo. Em alguns casos em que essas informações não eram suficientes, a leitura precisou ser estendida até o resumo ou mesmo o texto na íntegra. Esses dados foram inseridos em uma planilha do *Microsoft Excel*, formando uma tabela onde cada artigo recebeu o seu termo padronizado pelo Tesouro. A partir dessa tabela criou-se uma matriz, onde foi organizado o nome do autor e temáticas com as quais trabalhou em seus artigos.

O software *Ucinet* foi utilizado para construir a rede para melhor visualização da relação autores e temáticas mais frequentes, por meio da rede *two-mode* que ressalta a ligação entre as variáveis dos dois conjuntos.

5 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Com a massa documental de 298 artigos e o total de 421 autores, verificou-se que apenas 28 voltaram a publicar novamente no periódico (menos de 7% do total), o que determinou a quantidade de autores mais produtivos – aqueles que produziram no mínimo dois artigos no periódico analisado. Também se observa que 25% da massa documental foi produzida por esses autores que publicaram mais de uma vez no periódico, totalizando 75 artigos. A tabela abaixo apresenta os autores mais produtivos do periódico.

Tabela 1. Autores mais produtivos na Revista Estudos Feministas (2001-2016)

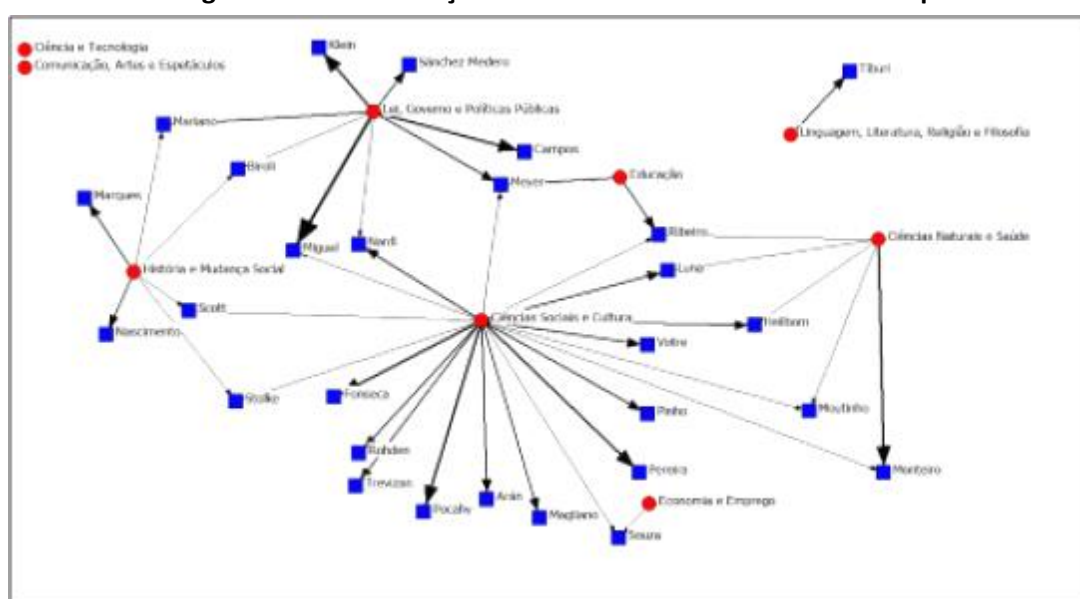
Autor (a)	Artigos na REF	Autor (a)	Artigos na REF
Meyer, Dagmar Estermann	5	Biroli, Flávia	2
Miguel, Luis Felipe	5	Magliano, María José	2
Monteiro, Simone	4	Marques, Teresa Cristina de Novaes	2
Ribeiro, Paula Regina Costa	4	Moutinho, Laura	2
Campos, Carmen Hein de	3	Nascimento, Alcileide Cabral do	2
Fonseca, Cláudia	3	Pinho, Osmundo de Araújo	2
Heilborn, Maria Luiza	3	Rohden, Fabíola	2
Nardi, Henrique Caetano	3	Sánchez Medero, Gema	2
Klein, Carin	3	Scott, Joan W.	2
Luna, Naara	3	Souza, Candice Vidal E.	2
Mariano, Silvana Aparecida	3	Stolke, Verena	2
Pereira, Cláudia da Silva	3	Tiburi, Marcia	2
Pocahy, Fernando Altair	3	Trevizan, Salvador Dal Pozzo	2
Arán, Márcia	2	Votre, Sebastião Josué	2

Fonte: Elaboração própria (2017)

Dentre os 28 autores mais produtivos, cinco deles são estrangeiros (17,8%): dos seguintes países: Espanha (2), Argentina (1), Canadá (1) e Estados Unidos (1). Os autores brasileiros representam a maioria, sendo 23 no total, com destaque para as seguintes instituições, a saber: UFRJ (4), UFRGS (4), UNB (3) e UERJ (2).

A participação de autores estrangeiros na Revista Estudos Feministas indica a visibilidade internacional do periódico. A figura abaixo apresenta as temáticas mais frequentes relacionadas com seus autores.

Figura 1. Rede de relação entre autores e temáticas mais frequentes



Fonte: Elaboração própria (2017)

Na temática de "Ciências Sociais e Cultura", há subtemáticas como casamento e família (homoparentalidade), estereótipos de gênero, papéis sexuais, discriminação por gênero ou sexualidade e estudos interdisciplinares sobre gênero, classe e raça. Essa foi a temática mais frequente (46,66%), com presença mais marcantes das autoras Pereira, Fonseca e Pocahy. A segunda temática mais frequente foi "Lei, Governo e Políticas Públicas" (24%), que traz pesquisas relacionadas com a Lei Maria da Penha, questões práticas de legislação, aborto e mulheres na política. Os autores Meyer, Nardi e Miguel trabalharam nas duas temáticas, o que nos remete a uma interdisciplinaridade, não apenas nos dois temas citados, mas também em outros abordados no periódico.

A temática "História e Mudança Social" (10,66%) apresentou trabalhos mais teóricos sobre epistemologia feminista e histórico do movimento. Essa temática tem relação mais

direta com as duas mais citadas, inclusive pela autora Joan Scott, estadunidense precursora nos estudos de história das mulheres a partir da perspectiva de gênero.

As temáticas menos frequentes foram: Ciências Naturais e Saúde (9,33%), Educação (5,33%), Linguagem, Literatura, Religião e Filosofia (2,66%) e Economia e Emprego (1,33%). Trataram respectivamente de temas como doenças sexualmente transmissíveis, gênero na escola, análises literárias sob o viés de gênero e a questão da mulher no trabalho. Márcia Tiburi foi a autora que ficou isolada na rede, pois foi a única que tratou a temática “Linguagem, Literatura, Religião e Filosofia” em dois artigos, ambos de autoria individual.

Observou-se que apesar de muitos debates sobre a questão de gênero na escola, entre os autores mais produtivos essa temática não foi muito expressiva, sendo encontrada em apenas quatro artigos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Houve uma maior quantidade de publicações relacionadas às discussões teóricas, através de estudos de epistemologias feministas, parentalidade, questões de sexualidade, papéis de gênero na sociedade e as relações de gênero, raça e classe. Estudos sobre a legalização do aborto e violência doméstica, que possuem um maior impacto governamental e legislativo, não foram tão acentuados.

Recomenda-se que outras pesquisas com diferentes abordagens envolvendo as temáticas “Feminismo e Estudos de Gênero” sejam estimuladas, visto que algumas perspectivas na ciência consideram esse campo como ainda não consolidado, mesmo com o crescimento de publicações na área, congressos, pós-graduações e financiamentos de pesquisa demonstrem o contrário e garantem a visibilidade e acesso a esse campo científico.

REFERÊNCIAS

BELELI, I. Publicações feministas: velhos e novos desafios. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 21, n. 2, maio/ago. 2013.

BUFREM, L. S.; NASCIMENTO, B. S. do. A questão de gênero na literatura em ciência da informação. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 18, Edição Especial, dez. 2012.

COSTA, A. A. A. O movimento feminista no Brasil: dinâmicas de uma intervenção política. **Gênero**, Niterói, v. 5, n. 2, 1. sem. 2005.

FOX, M. J.; OLSON, H. A. Feminist epistemologies and knowledge organization. In: LEE, H.; Smiraglia, R. (Eds.). **Cultural frames of knowledge**. Wurzberg: Ergon Verlag, 2012.

**XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017
23 a 27 de outubro de 2017 – Marília – SP**

NARVAZ, M. G.; KOLLER, S. H. Metodologas feministas e estudos de gênero: articulando pesquisa, clínica e política. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 11, n. 3, p. 647-654, set./dez. 2006.

NEGRÃO, T. **Feminismo no plural**. In: TIBURI, M.; MENEZES, M. M.; EGGERT, E.(Orgs.) *As mulheres e a filosofia*. São Leopoldo: Unisinos, 2002.

RIBEIRO, D. **As diversas ondas do feminismo acadêmico**: os diferentes momentos dos estudos acadêmicos voltados às questões da mulher e um desafio do momento atual. 25. nov. 2014. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/blogs/escriptorio-feminista/feminismo-academico-9622.html>>.